

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ANA MARIA GOMES DELPOMO

ARTECAMINHANDO

NITERÓI

2013

ANA MARIA GOMES DELPOMO

ARTECAMINHANDO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Hélio Carvalho – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Niterói

2013

ANA MARIA GOMES DELPOMO

ARTECAMINHANDO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Me. Hélio Carvalho

Niterói

2013

RESUMO

Este trabalho monográfico observa o ensino atual da aula de arte dentro do ambiente escolar, para abordar questões como arte e conhecimento. Buscando respostas de como deve ser vista e apreendida à arte por nossas crianças. A multidisciplinaridade ocorre? E de que maneira a arte pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito.

No capítulo seguinte, expomos projetos e questões de ações educativas que ocorrem no Museu de Arte Contemporânea [MAC]. Tratando da necessidade de serem criados desafios comunicativos com o público visitante, que não pertence ao mundo da arte. Trazendo para esse público uma modificação no olhar, na percepção, no entendimento e na recepção da obra de arte e de suas manifestações contemporâneas.

O capítulo 3 aborda algumas considerações de arte-educação baseado nos pensamentos de Ana Mae Barbosa e outros pesquisadores da área. Para tentarmos perceber qual nosso cenário atual e quais as modificações que necessitamos fazer, para que a criança se torne um sujeito mais completo dentro dos desafios da contemporaneidade.

Nas considerações finais verificamos quais conclusões podemos chegar diante do que expomos, de nossas atuais necessidades e quais mudanças ainda teremos que realizar para que a arte-educação consiga reunir arte e público.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO1: ARTE NA ESCOLA.....	4
1.1) DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: CONHECIMENTO DE MUNDO.....	6
CAPÍTULO 2: ARTE-EDUCAÇÃO NO MUSEU.....	16
CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE-EDUCAÇÃO.....	21
3.1) POR QUÊ NOS AFASTAMOS DA ARTE?.....	30
3.2)LAZER, IDENTIDADE CULTURAL E NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO.....	36
CONCLUSÃO.....	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma inquietação particular, tudo começou com uma ida ao museu – o MAC - com dois amigos e um deles questionava várias obras de arte, não acreditando ser possível que estivessem ali e se intitulassem obras de arte, pois ele considerava um lixo, uma bobagem, um total absurdo. Tentei argumentar com vários conceitos de arte, falamos sobre arte conceitual, sobre arte abstrata... Enfim, nada surtiu efeito. Aquele dia se passou, mas o incomodo não desapareceu... Enveredei pelo caminho da monografia.

Passei por um processo árduo, de dúvidas e muitas questões sobre diversos assuntos, mas que acabaram partindo daquele dia no museu. Então, pesquisei sobre arte estética, arte institucional, arte e filosofia, fenomenologia, arte e percepção, antropologia da arte e muitos outros temas ligados a esta gama tão complexa que é o universo da arte e seus desdobramentos. Até que finalmente cheguei à leitura da arte-educação. Só que ainda estava trilhando meio perdida, pensando em como a arte-educação poderia formar sujeitos. Mas estava presa ao adulto já formado, com suas concepções e crenças.

Nesse momento sempre me lembrava de minhas aulas de arte, meu mundo de devaneio e criações, que queria sempre estendê-los ao máximo. Nunca deixava um trabalho inacabado, queria terminá-lo no mesmo dia. Num primeiro momento, não ligava essas lembranças a meu momento atual. Até que um dia lendo Ana Mae pensei: - Por que muitas pessoas consideram as aulas de arte o momento da recreação? Não a veem como uma matéria do currículo que é tão importante quanto à matemática ou português? Como poderíamos mudar essa visão? Como a arte deve ser vista? Como inserí-la em nossa vida de maneira cotidiana? O que devemos mudar?

A partir desses questionamentos me encontrei em relação ao meu tema. Era esse o assunto que queria abordar. Mas qual a melhor maneira, de abordá-lo? Enquanto pensava e lia, relembrava meus dias de arte de minha infância. Então percebi que para encontrar o adulto, temos antes que conhecer a criança. Conversei com meu orientador e finalmente chegamos ao ponto: como a arte é apresentada a criança. Voltei-me para o ensino da educação infantil em contrapartida com os ensinamentos de Ana Mae e muitos outros teóricos do campo da arte-educação.

Então, procurei escolher uma escola que utilizasse a arte aliada aos outros ramos do conhecimento, sendo sua aliada no desenvolvimento psico-pedagógico da criança. Porque a escola é o primeiro meio [ambiente] social ao qual a criança vai pertencer sendo introduzida ao seu segundo grupo de convivência, pois o primeiro é a família, lá ela vai aprender junto com o grupo a lidar com suas emoções, despertando para o outro e para situações novas e diversas. Deveria investigar em como o estudo de arte era aplicado nesse ambiente, quais as contribuições e alianças que poderiam ocorrer. Pois quando pensamos em arte-educação logo vemos a necessidade de como é realizada sua atuação, dentro de cada ambiente em que está inserida.

Se a escola possui uma pedagogia voltada à percepção, a descoberta, a criar caminhos e desafios isso irá estimular a criança a pesquisa, ao movimento em direção a diversas soluções que podem ser criadas ao longo de sua vida. Estará contribuindo para a formação de sujeitos mais preparados para as mudanças, o ensino não pode ser exclusivamente focado no mundo atual, pois quando crescerem esse mundo já será modificado. Mas precisam ser estimulados a pensar, questionar, pesquisar e estar sempre buscando situações criativas diante dessa realidade que esta sempre se renovando, reciclando, resignificando.

Ao escolher a escola, parti de algumas questões para melhor delimitar meu tema; como é o ensino de arte na escola? E de que maneira os fazeres artísticos ou os estímulos das artes chegam até nossas crianças? Essas questões foram desdobradas no primeiro capítulo, com uma observação do espaço [ambiente] analisado, em função das vivências e de sua rotina diária.

Mas ainda queria refletir um pouco mais sobre a questão da arte-educação, agora fora do ambiente escolar. Optei pelo museu, por ser uma instituição como a escola, onde agregam grupos, estes muito diversificados. Existe uma obrigatoriedade em ir à escola e um caráter facultativo em ir ao museu. Então, quem vai ao museu? Quem são essas pessoas? Por que

vão? É frequente sua ida? Como, para quê e com quem vão? Anteriormente no início de meu percurso, tinha realizado pesquisas de frequência das pessoas ao museu, mas para meu atual trabalho esse dado já não era tão relevante, sua relevância seria em relação à nova questão: como são realizados os projetos de arte educação no museu? Para quem são destinados? Forma-se um público a partir destes projetos?

A questão da frequência não estava mais atrelada ao hábito cultural da população de Niterói ou do Rio de Janeiro, mas sim, como um reflexo do trabalho de arte-educação que ocorre dentro do museu. Como o público recebe o projeto, no sentido de criar vínculo, mudança na percepção, modificar o olhar em relação às artes e até mesmo de criar o hábito de frequentar o museu.

Com este capítulo buscamos observar os projetos de arte-educação e suas soluções para a comunidade de Niterói. E pensar sobre possíveis intervenções e aprendizados que poderemos ter a partir desses projetos.

Não podemos falar de projetos de arte-educação sem destinarmos um capítulo para abordar sua importância dentro da contemporaneidade. Para refletirmos um pouco mais sobre suas execuções no momento atual e fazer alguns planejamentos futuros. Abordaremos alguns aspectos culturais e sobre a importância de possuir uma identidade cultural nesse mundo globalizado e também da necessidade de uma transformação cultural em nossa sociedade atual.

Afinal, uma das atuações mais relevantes do produtor cultural é mediar o encontro entre o público e as artes, assim como a arte-educação, utiliza-se das artes como instrumento pedagógico para gerar conhecimento e formar sujeitos [indivíduos] mais inteiros e completos, mais integrados com a contemporaneidade. Também buscando uma modificação do olhar em relação às artes, diversificando o caminho de acordo com a instituição que a utiliza.

Capítulo 1

ARTE NA ESCOLA

“A arte é cultura. É fruto de sujeitos que expressam sua visão de mundo, visão que está atrelada a concepções, princípios, espaços, tempos, vivências. O contato com a arte de diversos períodos históricos e de outros lugares e regiões amplia a visão de mundo, enriquece o repertório estético, favorece a criação de vínculos com realidades diversas e assim propicia uma cultura de tolerância, de valorização da diversidade, de respeito mútuo, podendo contribuir para uma cultura de paz. O conhecimento da arte produzida em sua própria cultura permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo, percebendo-se como ser histórico que mantém conexões com o passado, que é capaz de intervir modificando o futuro, que toma consciência de suas concepções e idéias, podendo escolher criticamente seus princípios, superar preconceitos e agir socialmente para transformar a sociedade da qual faz parte.” (MOURA, 2008)

Por considerarmos o contato com a arte um importante instrumento na formação do sujeito, achamos necessário saber como é a relação ensino de arte e escola. Este trabalho vai investigar por meio da observação [participativa] como anda o ensino da arte na escola. Queremos descobrir como é o ensino de arte na escola, de que maneira os fazeres artísticos ou os estímulos das artes chegam até nossas crianças. Para facilitar a análise das questões que queremos abordar, escolhemos uma escola específica: Vivinfância que atua com crianças do berçário até o primeiro ano do ensino fundamental, possui duas sedes, uma localizada na Rua Gavião Peixoto e a outra na Rua Sete de Setembro, ambas ficam no bairro de Icaraí – Niterói - RJ.

A análise vai se basear nas vivências das crianças que estudam na sede da Rua Sete de Setembro, que possuem faixa etária de 0 a 3 anos de idade. Nas práticas as crianças vivenciam momentos que buscam a autonomia emocional favorecendo a integração e a convivência em grupo. Tais práticas se estruturam mediante o trabalho cuidadoso que leva em consideração a individualidade de cada um, respeitando suas características pessoais e incentivando o cuidado consigo e com os outros. O conteúdo é baseado em projetos que são desenvolvidos ao

longo dos períodos junto com as crianças. Embora haja uma orientação que determina o estado inicial de onde se origina o trabalho até o objetivo final a alcançar - de onde partimos para onde queremos chegar, os caminhos podem ir se transformando no decorrer do processo de aprendizado devido ao interesse despertado pelas crianças em relação aos temas abordados.

Na escola eles possuem uma rotina diária; chegam à escola, vão até a professora mostram a agenda, ficam um pouco no pátio, até a hora em que todos os amigos estão presentes e fazem a rodinha de conversa, neste momento contam como foi o dia anterior ou quando é segunda-feira relatam o que fizeram no final de semana. Neste momento a criança começa a trabalhar sua expressão verbal [linguagem] e é também o momento de aprender a ouvir. As rodas de leitura acontecem em diferentes horários [momentos], podem iniciar uma atividade ou preparar o grupo para um relaxamento. Existe um espaço destinado aos jogos simbólicos, às atividades de vida prática e para os circuitos motores. As atividades motoras são feitas através de brincadeiras e músicas, utilizando a imitação e a repetição para o processo de aprendizado. As aulas de música são realizadas por um professor de música, que utiliza ritmos variados, instrumentos, objetos e rodas onde a criança conhece repertórios, propõe músicas e dança, reproduzindo gestos e movimentos com todo o corpo ou parte dele. As aulas de arte são realizadas pela própria professora que utiliza diversos materiais, as atividades são de pintura, desenho, modelagem, ilustração e leitura de textos [essas produções são denominadas sensações]. Ela apresenta os materiais que serão utilizados no dia, por exemplo, dia da massinha de modelar, e eles livremente vão mexendo, fazendo bolas, tentando fazer bichos. Outro dia, trabalham com reciclagem, então transformam garrafas pets em bichos, em flores e etc. Mas tudo o que é realizado está atrelado a um projeto.

“O caminho da construção gráfico-plástica pela criança pequena passa necessariamente pela exploração dos materiais, pela construção das hipóteses sobre eles e pela capacidade imaginativa e investigativa de cada uma. Por isso, um ambiente que proporcione desafios a essas mentes criativas irá auxiliar a criança nesse percurso, no qual ela se utiliza dos recursos simbólicos do meio artístico para construir representações significativas específicas que só a arte pode proporcionar.”
(MORITA, 2005)

Segundo Pillotto (artigo “Propostas para a arte na educação infantil”) a linguagem da arte na educação infantil tem um papel fundamental, pois envolve os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais. Na observação dessa escola podemos vivenciar esse exemplo de como a arte pode conduzir o aprendizado, servindo como instrumento agregador e auxiliar de saberes.



1.1) Desenvolvimento cognitivo – conhecimento de mundo

Neste eixo, planejaram situações que possibilitassem o contato das crianças com o espaço escolar, com diferentes modalidades de atividades e informações diversas sobre vários assuntos. Alguns exemplos: experimentações com diferentes materiais, preparação de receitas, exibição de vídeos informativos ou de entretenimento, uso do calendário, registros espontâneos em desenhos ou pintura.

No primeiro semestre, destacaram o estudo dos vegetais e o cuidado com as plantas, um tema que desperta a curiosidade das crianças. Essa atividade proporcionou um conhecimento maior sobre os vegetais, foram identificadas semelhanças, diferenças e as partes da planta. Na sequência de atividades tiveram “Nosso dia a dia cantando”, em que o objetivo era organizar os ambientes internos e externos com diversas opções de jogos, brincadeiras e outras atividades para favorecer o movimento, a oralidade, a experimentação e exploração de materiais pelas crianças nos diversos momentos da rotina. O contato diário com o calendário proporcionou o trabalho referente à organização temporal: hoje, ontem, amanhã, dias da semana, datas comemorativas e mês.

No eixo que compreende a oralidade buscam trazer para a criança, o sentido da comunicação, em seus sentidos mais amplos, não buscando apenas a conquista da linguagem oral, mas a compreensão de situações cotidianas em que ocorre a interlocução entre os membros do grupo. As atividades de leituras acontecem diariamente, em rodas de leitura, com uma história, ficha de nomes, pequenos textos ou imagens. O objetivo desse momento é a aproximação e familiarização das crianças pequenas com textos e narrativas. Na roda os alunos participam da chamada, ouvem histórias através de livros, fantoches, dedoches e desenvolvem atividades coletivas. Nas práticas educativas de artes são contempladas as possibilidades psicomotoras das crianças. São oferecidas situações lúdicas diversas que favoreçam a interação das crianças entre si e com os objetos do ambiente. As aulas de música apresentam um amplo repertório de contextos e possibilidades sonoras, o professor propõe um resgate das cantigas tradicionais, a produção de sons com diversos objetos ou instrumentos e a apreciação de canções, ritmos ou histórias musicalizadas. Frequentemente essa aula é acompanhada de brincadeiras e danças.

No segundo semestre foi realizado o projeto Animais Selvagens sendo baseado na visita ao jardim Zoológico do Rio. Foram escolhidos três animais para cada turma, em seguida eram pesquisados e descobertos pelos pequenos. Então, confeccionaram jogos da memória com figuras recortadas de revistas e coladas com contact, com o material reciclado [garrafas pets, papelão e outros] fizeram cobras, hipopótamos, com jornal e tinta, fizeram uma girafa que também era utilizada para medir a altura das crianças, de papelão fizeram um tigre... Todos os bichos que viram na visita ao Zoo recriaram para esta exposição, tudo que foi elaborado foi confeccionado pelas crianças [lógico que com o auxílio das professoras], mas participaram ativamente do projeto.

“A arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.” (BARBOSA, 2010)

A seguir temos fotos da feitura dos objetos que foram expostos:





O objetivo do projeto era conscientizá-los sobre a preservação do meio ambiente e ampliar os conhecimentos sobre os animais. A partir do tema, todas as áreas do conhecimento foram trabalhadas de forma integrada: a confecção dos animais com sucata, o reaproveitamento de materiais; as situações de desenhos e pintura, desenvolvendo a capacidade de representação; foram promovidas situações de oralidades e de construção da escrita; sendo também promovidos desafios matemáticos, situações de medida e comparação e de construção do número; estabeleceram-se regras e o desenvolvimento da capacidade de concentração.

Também foi apresentado o escultor e pintor catalão, Joan Miró que em suas obras, principalmente nas esculturas, utiliza materiais não convencionais, como a sucata. E a partir do que conheceram do trabalho dele, fizeram seu próprio quadro. Cada um expressando a sua maneira, buscando ressaltar e destacar o que mais lhe encantou, agradou e divertindo-se muito em se lambuzar de tinta.



Todo ano é escolhido um grupo de teatro para fazer uma apresentação para as crianças. A seguir temos as fotos das peças do ano de 2011 que foi apresentada como fechamento do semestre para os profissionais da escola, os pais e alunos promovendo a integração e interação de todos e a apresentação de 2012 somente para os alunos e professores. O momento em que o universo teatral entra na escola, fazendo com que as crianças dentro de seu espaço que lhes é familiar entrem neste mundo do faz de conta, assistindo e participando. Tendo a experiência e o contato com o fazer teatral.





“O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. Isto é um processo de “nutrição” e não é o mesmo que interferência. É preciso construir a confiança por meio da amizade e criar a atmosfera propícia por meio de consideração e empatia.” (SLADE, 1978, p.19)

Esse jogo que é proporcionado por este momento, em que são espectadores ajudam a criança a se desenvolver para a realidade da vida. Ampliando os referenciais de mundo e trabalhando todas as linguagens [escrita, sonora, corporal etc.] através do teatro. Trabalhando a criança como uma pessoa inteira, com sua crítica, sua afetividade, sua expressão, seus sentidos, sua criatividade e suas percepções.

Podemos perceber que o ensino é integrado, ou seja, todos os saberes estão reunidos, onde um conhecimento vai complementar e ilustrar ou exemplificar o outro. As artes são valorizadas dentro da escola como um caminho que é apresentado para a criança e a partir deste conhecimento desta vivência ela vai manifestar sua representação. Apesar de serem aulas diferentes, como aula de arte, aula de música entre outras atividades que existem na escola, todas de alguma maneira se complementam, seus conteúdos se encaixam e dialogam e então, são formatados os projetos. Há uma valorização dos aspectos educativos contidos no

universo das artes. O ensino está em consonância com a contemporaneidade onde a pesquisa e a construção do conhecimento são realizadas de forma dinâmica. A mola propulsora do processo é a experimentação, rompendo as barreiras de exclusão em que a prática não é baseada no talento ou dom pessoal, mas sim, na capacidade de vivenciar de cada um, dentro de suas capacidades próprias e particulares [individuais]. Pois todos são construtores e participantes do caminho em relação ao aprendizado. Fazendo com que a arte e seus processos façam parte de sua vida naturalmente, tendo um sentido, não sendo mais algo incompreensível ou distante de sua realidade.

Podemos perceber com a observação desta escola que a prática em arte é baseada em um projeto pedagógico. Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, logo se torna importante o contato sistematizado com o universo artístico e suas linguagens: artes visuais, teatro, dança, música e literatura. Em relação aos fazeres artísticos ou estímulos das artes são realizados de forma contínua e natural, dentro de sua rotina diária. Promovendo de forma dinâmica uma busca entre o sentir, o pensar e o agir. Fazendo a interação entre o saber e a prática sendo relacionados à história, à sociedade e às culturas possibilitando a relação ensino-aprendizagem um ganho efetivo, que se dá a partir das vivências, múltiplas e diversas. Trazendo reconhecimento a arte, como um ramo do conhecimento, que possui em si componentes pedagógicos. Possibilitando trabalhar com as diferenças, com a imaginação, a auto-expressão, a invenção, experiências perceptivas e a experimentação da pluralidade e diversidade de valores, sentidos e intenções.







Observamos as crianças se relacionando com a arte dentro do universo escolar. E como será essa relação em outro ambiente? Da criança e do adulto com a arte contemporânea e seus fazeres. Como pode ser essa relação dentro do museu, esse ambiente que para uns é de fácil acesso e para outros se torna tão distante. Como o museu e seu departamento de arte-educação podem atuar para modificar essa relação de distanciamento entre público e as artes?

Capítulo 2

ARTE-EDUCAÇÃO NO MUSEU

Buscando um caminho que direcionasse nossa pesquisa além do olhar e do espaço físico escolar, escolhemos uma instituição que realizasse projetos de arte-educação. Para verificar como acontecem os processos arte educativos em um museu, nosso estudo de caso se baseará no MAC – Museu de Arte Contemporânea de Niterói, por sua importância dentro da cidade e fora dela, mas principalmente por seus projetos de arte-educação e suas intenções para o público visitante.



As ações educativas surgiram da necessidade de serem criados desafios comunicativos entre os indivíduos que circulam por este espaço público que não pertencem ao mundo da arte. Para que pudessem modificar o olhar, o entendimento e a recepção em relação à arte contemporânea exposta no museu. Então foram criadas estratégias de aproximação e participação do público para as exposições. Sendo desenvolvidas duas linhas de pesquisa os “Jogos Neoconcretos” e “Cada olhar uma história” a partir das experiências com a coleção de João Sattamini, integrando curadoria e educação. (site do museu, 2013)

A estratégia educativa “Cada olhar uma história” é uma atividade proposta em que o público escolhe uma obra exposta para desenhá-la ou escrever uma história a partir da obra escolhida. O objetivo desta atividade é incentivar uma atitude criativa por parte do espectador, dentro do aspecto que a obra é aberta e multiplicadora de sentidos. Fazendo com que o papel do espectador seja redefinido ao revelar seus valores e significados. Os “Jogos concretos” foi um trabalho experimental de propostas interativas com formas geométricas que se inspirou na prática construtivista e nas idéias dos artistas concretos e neoconcretos. Com os jogos os espectadores passam a ser participantes envolvidos no processo de articulações e desarticulações da composição no espaço concreto tridimensional, enfatizando uma interpretação não verbal em relação aos elementos formais da obra de arte, como cor, forma, ritmo, composição e expressão. O público passa a entender os trabalhos não por um conhecimento em história da arte, mas sob o aspecto da experiência, passando a perceber a obra não como um objeto histórico e estático, mas como um pensamento que participa de um processo dinâmico e criativo, um jogo. Permitindo de maneira lúdica que o processo da criação artística esteja aberto para ser explorado, em ação e interpretação. (site do museu)



Apresenta ainda, outros projetos: como o Farol Cultural que vai buscar um intercâmbio de métodos e idéias de arte-educação entre artistas e profissionais de educação noruegueses e brasileiros. O projeto “Abrigo de Experiências Poéticas” que integrou arte, cidadania e educação através dos processos arte-educativos e da produção artística contemporânea por acreditar na importância do trabalho da educação através da arte e da formação do olhar. (idem ao parágrafo anterior)

Na programação regular do museu temos: as visitas mediadas destinadas às escolas, faculdades, ONGs e grupos de professores, de terceira idade, de turismo, de projetos especiais e etc.; o encontro com professores que ocorre mensalmente, apresentando estratégias educativas que tem como referência os conceitos e temas da exposição atual; a visita orientada para o público, para apresentar a exposição em cartaz; um show infantil que acontece no segundo sábado de cada mês; a feira de troca cultural que acontece no primeiro domingo de cada mês, no pátio do museu e o seminário museu-escola que é um evento que busca oferecer aos educadores que atuam em espaços culturais e escolas trocas de experiências arte-educativas. (site do museu)

Todo domingo acontecia a contação de histórias, mas a programação está suspensa desde janeiro deste ano. Consideramos uma perda para o público, pois o teatro e sua linguagem permitem uma aproximação entre público e museu [por ser o espaço no qual era realizada a atividade cultural]. Menos uma iniciativa que facilitaria o interesse das crianças em frequentar o museu, fazendo-o querer fazer parte deste espaço, tornando-o seu mundo particular de invenções, percepções. No momento da contação de histórias as distâncias diminuem, todos são espectadores do espetáculo que irá começar. Sentam em semicírculo para assistir ao espetáculo, participam dele, aproximam-se afetivamente devido ao jogo dramático realizado. E saem com suas leituras do que vivenciaram naquele espaço. O momento do mundo do sonho, de viajar pelos caminhos da imaginação com seus olhares atentos ao acompanharem o desenrolar das histórias. A contação de histórias com seu trabalho lúdico agregam um público infantil e infanto-juvenil, estando mais próximo ao público da escola estudada no capítulo anterior.

Um dos projetos que possuem muita afinidade com as intenções desse trabalho é o seminário museu-escola. Podemos pensar no projeto como um caminho de unir o museu e a escola a partir das experiências arte-educativa proposta, pois é um evento que busca oferecer

aos educadores que atuam em espaços culturais e escolas trocas dessas experiências arte-educativas.

Ana Mae (texto “Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras”) relata em um artigo sua experiência no processo da idealização do projeto do MAC, que foi realizado no ano de 1987 quando ela iniciou um programa de arte-educação no Museu de Arte Contemporânea [MAC] que combinava o trabalho prático com a história da arte e a leitura da obra de arte. Em que a metodologia para a leitura da obra de arte vai variar de acordo com o conhecimento de quem a interpreta, podendo ser estético, semiológico, iconológico, princípios da Gestalt, etc.

“Nossa concepção de história da arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstância. Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada *evolução* das formas artísticas através dos tempos, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal.” (BARBOSA, texto “Arte-educação no Brasil realidade hoje e expectativas futuras”)

Para Ana Mae (texto “Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras”) apesar da arte, ser um produto da imaginação e da fantasia, não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que atuam em nossa sociedade. As idéias, emoções e linguagens modificam-se de tempos em tempos e variam de lugar para lugar, mas não existe visão desinfluciada e isolada. A História é construída a partir de cada obra de arte que é examinada pelas crianças, e de suas conexões e relações com elas e com outras obras de arte e outras manifestações culturais.

Segundo Barbosa (texto “Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras”) houve muito cuidado para que a leitura da obra de arte não fosse transformada num questionário, pois sua análise seria reduzida a um exercício medíocre em que os significados das obras seriam simplificados e condensados, tornando assim, limitada a imaginação do leitor, espectador participante do processo. E a idéia da leitura da imagem se refere à questão de construir uma metalinguagem dela, a partir do desenvolvimento da imaginação.

Não podemos nos aprofundar o quanto desejamos nesse capítulo, nem realizar uma análise mais detalhada devido à falta de material para isso. Podemos através da exposição dos projetos vislumbrar que o setor de arte-educação está em busca de caminhos para tentar atrair o público para o espaço, museu. Mas acreditamos que falta a figura do produtor cultural para que efetive os projetos no sentido de ampliar o acesso, este em âmbito geral, tanto em idas ao museu como na relação com futuros pesquisadores que se sentem atraídos pelo espaço e por suas possibilidades. Aumentando as situações de trocas culturais e idéias. Os projetos que

ocorrem atualmente devem ser continuados, para que de fato estabeleçam uma relação com o público. E os profissionais envolvidos no processo possam estar trocando experiências e buscando caminhos para estabelecer uma relação entre o museu e a escola, de maneira contínua e permanente. Permitindo-os criar uma relação de vínculo entre o espaço e seus futuros integrantes.

No próximo capítulo aprofundaremos um pouco mais as questões relevantes à arte-educação. Trataremos da questão da identidade cultural, necessidade de pertencimento e do que é lazer em relação a nossa cultura.

Capítulo 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE-EDUCAÇÃO

Este capítulo discute as idéias de Ana Mae Barbosa em relação às questões da arte-educação e da importância do ensino de arte na escola, cuja metodologia baseia-se não em conteúdos, mas em ações; fazer arte, saber ler a obra e conhecer a sua contextualização, permitindo assim um maior envolvimento da criança no processo. Portanto, segundo Ana Mae (FERRAZ, 2009, p.22-23), o ensino da arte nas escolas pode incentivar a criatividade, facilitar o processo de aprendizagem e preparar as crianças para o mundo contemporâneo.

De acordo com Barbosa (texto “Arte, Educação e Cultura”) a definição para a arte-educação é todo esforço, com o sentido de ampliar os conhecimentos artísticos e estéticos dos outros. “Tem arte-educação no museu, na rua, quando há uma grande obra de arte pública [...]” Para ela, um país só pode ser considerado de alta cultura quando tanto a produção quanto a recepção dessa produção acontecem de forma ativa, viva, crítica. Observa que está faltando educar a recepção. A educação da recepção é realizada através do ver arte, do fazer e da contextualização. Todos podem e devem compreender e usufruir da arte. Para isso devemos dar ênfase entre o fazer, a leitura da obra de arte a partir da apreciação interpretativa e sua contextualização histórica, social, antropológica e ou estética.

Segundo Barbosa (texto “Arte, educação e cultura”) para que isso ocorra os arte-educadores devem investir na construção do conhecimento em arte, que se dará com a interseção da experimentação, decodificação e informação. A aprendizagem em arte será a

partir da consciência e informação dada ao longo do processo de educação. O processo não visará à sensibilidade dos alunos em arte, mas influirá em seu desenvolvimento cultural através do ensino das artes. Para ela deveria ser reservado um lugar para a arte no currículo, mas isto está longe de ser realizado. Temos a necessidade de saber como a arte é concebida e ensinada. Explica ainda que nas artes visuais estar apto para produzir imagens e ser capaz de lê-las são habilidades interrelacionadas. Hoje estamos rodeados por imagens em nosso cotidiano vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, etc. e aprendemos inconscientemente por meio delas devido a nossa incapacidade em lê-las, por esse motivo a educação deveria estar mais voltada ao discurso visual, ensinando sua gramática e sintaxe através da arte. Tornando assim as crianças conscientes da produção humana para que possam compreender e avaliar todo o tipo de imagens.

De acordo com ela, a apreciação, a educação dos sentidos e a avaliação da qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma habilitação fundamental à livre expressão, possibilitando um desenvolvimento permanente e contínuo, mesmo para aqueles que após deixarem a escola, não venham a se tornar produtores de arte. Mas pela apreciação e decodificação de trabalhos artísticos poderão desenvolver sua criatividade. Além disso, com a educação da apreciação desenvolvemos culturalmente um país, pois quando uma produção artística de qualidade está associada a um entendimento desta produção pelo público acontece seu desenvolvimento gerando a circulação da informação artística numa relação dialógica entre arte e público. (BARBOSA, texto “Arte, Educação e Cultura”)

Esta foi a pergunta que permeou o primeiro capítulo, foi escolhida uma escola específica, mas deveria se fazer esse questionamento em todas as escolas que existem hoje, tanto da rede particular quanto pública. Porque só sabendo como é realizado o estudo de artes atualmente, é que poderíamos trabalhar para que fossem realizadas as modificações necessárias, dentro das possibilidades de cada local, tanto na relação do espaço, como na formação dos profissionais e de suas especificidades de intenções e das experiências que poderiam ser realizadas em cada local. Desenvolvendo projetos específicos para cada espaço. E estes deveriam ser supervisionados para saber se seu andamento estava indo em direção ao conhecimento ou no sentido contrário, para que pudéssemos criar alternativas para sua real eficácia.

Identificamos a necessidade de termos um profissional de produção cultural para desenvolver estes projetos e acompanhá-los. Funcionando como uma ponte ligando à escola a

outras instituições culturais, fazendo com que circule a informação e promovendo o diálogo entre elas, para que houvesse uma integração e um desenvolvimento cultural ocasionado por diversas trocas culturais que poderiam ocorrer durante este processo, como por exemplo, criar um projeto que promovesse a união, de forma constante, a escola e o museu, a partir de visitas e encontros, palestras e toda uma programação desenvolvida com este intuito.

“Um currículo que integre atividades artísticas, história das artes e análise dos trabalhos artísticos levaria a satisfação das necessidades e interesse das crianças, respeitando ao mesmo tempo os conceitos da disciplina a ser aprendida, seus valores, suas estruturas e sua específica contribuição à cultura.” (BARBOSA, texto “Arte, educação e cultura”)

É muito importante que criemos a possibilidade de preparar nossas crianças para o mundo contemporâneo. Desenvolvendo o olhar delas para que realizem as leituras que estão contidas nas imagens que nos são impostas, e permitir que se deleitem com a leitura de imagens que escolherão para ler e resignificar, em exposições ou no cinema, e em outras atividades artísticas. Até porque o objetivo da arte-educação não é o de criar novos artistas, mas sim, desenvolver os sentidos para a recepção da obra de arte. Fazendo assim uma ponte unindo arte e público.

Ana Mae (texto “Arte, Educação e Cultura”) explica que uma das funções da arte-educação é mediar arte e público. Retrata a importância do museu e dos centros culturais como locais para a educação por serem locais que agregam uma herança cultural, onde temos o contato com padrões de avaliação de arte, através da história preparando um consumidor de arte mais crítico, não somente para a arte de hoje, mas também para as manifestações futuras. Ou seja, eles deveriam ser os líderes para a preparação do público para o entendimento do trabalho artístico, mas por questões de acesso e sentimento de ignorância do visitante geram um sentimento de não pertencimento ao local. Apesar de pertencer a todos só alguns de classe social e econômica favorável tem acesso a esses locais.

“O conhecimento da relatividade dos padrões da avaliação dos tempos torna o indivíduo flexível para criar padrões apropriados para o julgamento daquilo que ele ainda não conhece. Tal educação, capaz de desenvolver a auto-expressão, apreciação, decodificação e avaliação dos trabalhos produzidos por outros, associados a contextualização histórica, é necessária não só para o crescimento individual e enriquecimento da nação, mas também é um instrumento para a profissionalização” (BARBOSA, texto “Arte, educação e cultura”)

Profissionais que possuem uma habilidade de leitura visual, aliado ao conhecimento em história da arte e com a capacidade de avaliar a sua realidade e a do outro, serão profissionais mais habilitados ao mundo contemporâneo.

Ana Mae (texto “Arte, educação e cultura”) coloca também a importância da interpretação de obras de arte associada à informação histórica, pois vai gerar “um entendimento crítico de como seus conceitos formais, visuais e sociais aparecem na arte e como são percebidos, redefinidos, resignificados, distorcidos, descartados, reformulados, reapropriados, justificados e criticados em seus processos construtivos”.

Defende a teoria de que a arte na escola não deve servir de instrumento para liberar a emoção, porque só aprendemos com nossa emoção se formos capazes de refletirmos sobre ela. O subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso, para que de fato ofereça-se uma educação cognitiva e emocional, por isso a arte deve ser tratada como um conhecimento.

A arte na escola deve ser abordada como um conhecimento que se dará a partir da experimentação. O trabalho emocional que acontecerá será uma consequência do processo, mas não uma intenção, com ele outras mudanças acontecerão, e o sujeito será formado a partir do entendimento e das conexões que fará a partir do que apreendeu com a arte. Tornando-se uma pessoa com uma capacidade reflexiva e crítica maior de mundo.

A arte é cultura, pois é a expressão de sujeitos que expõem sua visão de mundo, esta atrelada as concepções, princípios, espaços, tempos e vivências. O contato com a arte de diversos períodos históricos, de outros lugares e regiões amplia nossa visão de mundo, enriquece nosso repertório estético, cria vínculos com realidades diversas tornando-nos sujeitos mais capazes de valorizar e tolerar as diferenças, compreender a diversidade e respeitá-la, permitindo também um autoconhecimento, fazendo o indivíduo se sentir parte da história, conectado a ela sendo por isso capaz de modificar o futuro. A partir de suas próprias concepções e idéias, escolhendo criticamente através de seus princípios, superando preconceitos e idéias ultrapassadas, agindo socialmente de maneira capaz de transformar a sociedade a qual faz parte. Além da dimensão simbólica da arte, seu poder expressivo que representa idéias através de imagens particulares, como a literatura, a dança, a música, o teatro, a fotografia, a pintura entre outras formas expressivas da arte em nosso dia a dia. Que expressam a realidade percebida ou imaginada.

De acordo com Pillotto (artigo “Proposta para a arte na educação infantil”) a linguagem da arte na educação infantil possui um papel fundamental que envolve os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais. Para ela a lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 veio para garantir este espaço à educação infantil e também para a arte em seu contexto.

Explica ainda que para entendermos a arte no espaço da educação infantil atualmente, precisamos observar o panorama histórico das décadas 80 e 90. Em que os referenciais que fundamentavam as práticas do profissional da educação infantil eram os Cadernos de Atendimento ao Pré-escolar [1982], que foram criados pelo Ministério da Educação e Cultura [MEC]. A contribuição destes cadernos para aquele momento histórico foram fundamentais como subsídio para as ações dos educadores atuantes na educação infantil. Mas pouco priorizavam o conhecimento, centravam-se em questões emocionais, afetivas e psicológicas e nas etapas evolutivas das crianças, ou seja, eram muito mais voltados à recreação do que às articulações com a arte, a cultura e a estética. Já na década de 90, o MEC lança o Caderno do professor da Pré-escola, esse com uma abordagem mais contextualista, em que a arte não é mais tratada apenas como uma atividade prática e de lazer sendo incorporado a ela o ato reflexivo. Mas, ainda permanecia seu foco em abordagens psicológicas e temáticas. O que demonstra que nesta década a arte na educação infantil ainda estava em busca de uma consciência teórica, conceitual e metodológica. Foi a partir de 2000 que as discussões reflexivas sobre a arte na educação infantil ganharam espaço na literatura, nas propostas curriculares e principalmente na área da pesquisa.

“[...] a proposta é apontar constructos [a curto, médio e longos prazos], nos quais cada instituição de educação infantil tenha um profissional habilitado no ensino da arte, capaz de desenvolver projetos pedagógicos em parceria com os demais educadores, enfatizando os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais em arte.” (PILLOTTO, artigo “Proposta para a arte na educação infantil”)

Para Pillotto (artigo “Proposta para a arte na educação infantil”) um caminho possível para a educação é uma visão não linear ou sistêmica de currículo, considerando o contexto histórico-social, as necessidades e interesses das crianças. No qual educadores, crianças, instituição e comunidade construam este currículo partindo de um trabalho coletivo. Para ela, o educador em arte deve atuar em consonância com os demais educadores da instituição, aprofundando conceitos e linguagens da arte. Porque a função do profissional em arte não é ministrar aulas fragmentadas de arte, mas sim, a de organizar um espaço de cultura que possibilite a ampliação das expressões e das linguagens da criança.

Segundo Barbosa (2010, p.2) a arte possui um papel importante de democratização, pois arte-educação une público e arte. Se atualmente o afastamento das pessoas em relação à arte for o acesso, a arte-educação pode atuar como ponte entre público e arte. Pois com ela podemos formar um público, que se interesse e crie uma relação com os fazeres artísticos. Mas para que isso ocorra, temos a necessidade de uma alfabetização visual e esta pode ser

adquirida nas escolas, reforçando ainda mais sua importância dentro do universo escolar. Porque a leitura do discurso visual, não é baseada somente na análise da forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente na significação que estes atributos em diferentes contextos conferem à imagem. Então, os modos de recepção da obra de arte e da imagem terão ampliados o significado da própria obra, incorporando-se a ela. A pergunta agora não é mais o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros momentos históricos.

Segundo pesquisa realizada por Barbosa, o entendimento da comunidade é uma tendência contemporânea que tem apresentado resultados muito positivos em projetos de educação para a reconstrução social, quando não isolam a cultura local, mas a discute em relação às outras culturas. Outro aspecto importante da arte na escola em nossos dias é o fato de reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade, mas também para o desenvolvimento profissional. Um grande número de trabalhos e profissões está direta ou indiretamente relacionado à imagem. Sendo necessário para a formação de bons profissionais um conhecimento em história da arte. Pois, através da arte desenvolveriam sua capacidade analítica pela interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico.

Segundo Freire (1987, p.92) tratando da importância de uma educação libertadora, que parte de uma busca das necessidades do grupo ao qual será educado, revela o caráter transformador da educação onde as permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções.

Segundo Stein (1984, p.10) existem questões relevantes em relação à educação que devem direcionar a cultura educacional. Para ela a escola deve se desescolarizar libertando-se do currículo rígido e obrigatório, e assumir a consciência de ser um centro de educação e cultura entre muitos outros centros de educação e cultura.

Vemos a arte-educação como um caminho que pode auxiliar as aulas de arte até na escola, fazendo encontros entre ambientes culturais. A própria escola pode se tornar um centro de cultura, mesmo sem perder suas características atuais, mas simplesmente agregando novos valores. Reformulando sua maneira de abordar a arte e suas manifestações e repensando sua atitude em relação a ela. Vendo-a como mais uma ferramenta do saber que deve e pode ser obtido na escola.

Para Witter (p.25 a 27) devemos pensar na arte-educação com uma atitude realista, mas que se enquadre dentro de necessidades propostas, pois é um trabalho individual e em grupo que tem como objetivo, uma evolução social. “[...] sabemos que existem, nos grupos humanos, redes complexas de inter-relações que modificam simultaneamente os comportamentos dos grupos e dos indivíduos que os compõem.” Segundo ele, o educador visa exatamente à transformação dos indivíduos e seus grupos pelo aperfeiçoamento dos caracteres, conhecimentos, modificações culturais e afetivas. Mas acredita que se não houver um sistema mais ou menos combinado de inter-relações humanas não se registrará transformações válidas. Então, não se trata de promover processos de desenvolvimento do pensamento ocupando os indivíduos durante períodos relativamente curtos com materiais engenhosos e divertidos, mas de seguir prolongadamente, para provocá-lo e enriquecê-lo, desenvolvendo-o cognitivamente que de outro modo não passaria de motivação originada pelas relações afetivas necessárias a todo o processo escolar.

Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por ela se dê um contato sistematizado com o universo artístico e suas linguagens: arte visual, teatro, dança, música e literatura. Pois a linguagem é a maneira como nos comunicamos com o meio e com os outros, não só a linguagem escrita e oral, mas hoje há o uso recorrente da linguagem visual, e a arte-educação pode sem dúvida prepararmos-nos para lermos seus códigos e mensagens e dialogarmos de maneira mais fluida em nossa sociedade. Devemos procurar atualizá-la e expressá-la de maneira eficiente em todos os setores de nossa vida. Contudo, o que se percebe é que o ensino da arte está relegado ao segundo plano, ou é encarado como mera atividade de lazer e recreação. Ao longo dos anos muito tem se falado e escrito sobre a necessidade da inclusão da arte na escola de forma efetiva, onde ocorra um confronto da prática pedagógica no campo da arte para que se perceba a distância entre a teoria e a prática, talvez por não ocorrer à vivência com a arte. Para que seu processo educacional esteja completo, voltando a premissa do ver, fazer e contextualizar. Valorizando os aspectos educativos contidos no universo da arte.

Para que haja o reconhecimento não só da necessidade da arte, mas da sua capacidade transformadora. Aceitando que o fazer artístico e a fruição estética contribuem para o desenvolvimento de crianças e jovens, tendo a certeza da capacidade deles para ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes. Um educador que possua esta postura internalizada fará com que sua prática pedagógica seja coerente e possibilitará que seu educando conheça o seu repertório cultural e entre em contato com

outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento sobre outra, sem dicotomia entre reflexão e prática.

O ensino da arte deve estar em consonância com a contemporaneidade. A pesquisa e a construção do conhecimento é um valor tanto para o educador quanto para o educando, rompendo com a relação sujeito/objeto do ensino tradicional. Tornando o processo desafiador, onde se define o ponto de partida e o ponto de chegada será resultado da experimentação. Ligando-se assim o ensino da arte ao interesse de quem aprende. Desta maneira o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, visto que a prática educativa está embasada não no talento ou no dom, mas sim na capacidade de experimentar de cada um. Dessa forma, estimulam-se os educandos a se arrisquem a desenhar, representar, dançar, tocar, escrever, pois se trata de uma vivência, e não de uma competição. Trazendo para suas atividades um número maior de interessados, pois os estudantes se reconhecerão como participantes e construtores de seus próprios caminhos. A arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, deixando de ser aquela coisa vaga, incompreensível e elitista, distante de sua realidade.

A concepção de arte no espaço implica numa expansão do conceito de cultura, ou seja, toda e qualquer produção e as maneiras de conceber e organizar a vida social são levadas em conta. Cada grupo inserido nestes processos configura-se pelos seus valores e sentidos, e são atores na construção e transmissão dos mesmos. A cultura está em permanente transformação, ampliando-se e possibilitando ações que valorizam a produção e a transmissão do conhecimento. Negando então a divisão entre teoria e prática, entre razão e percepção, ou seja, toda fragmentação ou compartilhamento da vivência e do conhecimento.

Esse processo busca a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir. Promovendo a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas, possibilitando uma relação ensino/aprendizagem de forma efetiva, a partir de experiências vividas, múltiplas e diversas. Reconhecendo a arte como ramo do conhecimento, contendo em si um universo de componentes pedagógicos. Os educadores poderão ter espaços para manifestações que possibilitam o trabalho com a diferença, o exercício da imaginação, a auto-expressão, a descoberta e a invenção, novas experiências perceptivas, experimentação da pluralidade, multiplicidade e diversidade de valores, sentidos e intenções.

A arte não pode mais ser colocada como um elemento decorativo e festeiro dentro da escola. Pois a arte valoriza a organização do mundo da criança e do jovem, sua auto-compreensão, assim como o relacionamento com o outro e com o seu meio. Assim ao

contextualizarmos o trabalho numa vertente do lúdico e do fazer, com sua ação sendo mais significativa, do que o resultado obtido, mas tendo em toda ação uma motivação com um objetivo.

A interação entre a concepção de arte e a concepção de educação encaminha-se na confluência de um entendimento mais amplo do que é a arte no espaço educativo: um projeto pedagógico com uma prática em arte. Em que cada projeto busca o desenvolvimento progressivo da criação pessoal, estimulado pelas interações significativas entre educadores e educandos. E através da ação dos profissionais de arte-educação que podemos tornar o ensino da arte uma prática significativa para quem dela participa. Para que propostas pedagógicas em arte ocorram, necessitamos de profissionais bem formados, que possuam uma visão humanista e um maior conhecimento em arte, básicos para sua qualificação. Então, poderemos fazer com que a arte ocupe seu lugar na escola.

A escola poderá utilizar as experiências positivas realizadas nos espaços de educação informal, trazendo a prática do ensino da arte para a sua estrutura, possibilitando a igualdade de participação e a construção do saber. Utilizando também a compreensão do que se faz em arte no país e no mundo, de forma a estruturar cidadãos com uma formação estética, capaz de dialogar com os códigos, semelhanças e diferenças dos diversos contextos culturais.

A arte vista como linguagem possui uma estrutura simbólica que envolve elementos como espaço, forma, luz e sombra nas artes visuais; timbre, ritmo, altura e intensidade para a música; movimento, expressão, gestual para dança; e outros para outras expressões artísticas. O conhecimento dessas estruturas simbólicas é construído através da livre expressão, mas precisa ser ensinado. Logo, devendo este conhecimento ser obtido nas escolas.

Como é um universo amplo, uma vez que diz respeito ao que é humano e envolve o fazer e o pensar, o ensino da arte não poderia deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. Dessa forma, o trabalho de produção e ensino da arte a ser desenvolvido pela escola deverá configurar-se numa concepção onde arte e educação sejam práticas que se relacionam com outras, pretendendo a criação de novas práticas na arte e na vida. O processo da arte-educação nos permite construir a história a partir de cada obra de arte que é examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. Aqueles que forem capazes de decodificarem seus códigos estarão aptos a participar da vida política e social do mundo contemporâneo.

3.1 POR QUÊ NOS AFASTAMOS DA ARTE?

Para muitas pessoas, as artes não passam de mera distração, se refere a tudo o que é inútil, frívolo e passageiro. Para outros é um luxo, que tem serventia para poucos.

No entanto, consideramos que há um grupo seletivo de pessoas que circulam por espaços de fazeres artísticos que não estão abertos a todos. Neste caso, é correto afirmar que os espaços públicos e privados ficam destinados realmente a um seletivo grupo de artistas, produtores, curadores e a todos aqueles que convivem diretamente relacionando-se com a arte.

Muitas pessoas não têm acesso a ela, por não buscarem esse acesso ou por falta de interesse. Devido a não terem sido despertadas para os diversos sentidos e funções da arte, que não são destinadas somente as pessoas envolvidas no meio artístico, mas sim, toda a sociedade.

Podemos pensar em algumas hipóteses para que esse afastamento do público ocorra: segundo a visão antropológica em que o grupo [social] se agrega pela familiaridade, por não se sentir parte do mundo da arte afasta-se; ou por uma dificuldade na compreensão simbólica das características expressivas que compõem as atividades artísticas; ou pelo fato do acesso. Dispersando-se no sentido contrário ao fluxo da arte. Todo ser humano se afasta daquilo que teme, logo teme o que desconhece [ou não compreende, ignora]. Como desconhecem o sentido, ou a utilidade das artes, e a veem como mera distração e entretenimento, não se preocupam em se aproximar e tentar desvendar seus mistérios, signos, símbolos e principalmente não se conectam a ela. Fazendo parte desta engrenagem de saberes e sentidos tão variados que compõem o universo das artes, não permitindo assim, modificar a si e ao outro.

O sujeito enquanto ser social, é muito afetado pelo grupo de pessoas que convive, seja na família, onde estuda ou trabalha. Por isso, as modificações humanas devem ser trabalhadas em conjunto, nas comunidades ou na escola, para que possamos sentir seus reflexos mais rapidamente, se forem individuais o processo será muito demorado, pois cada um possui suas crenças e idéias particulares e seu tempo de assimilação e adaptação a cada situação.

Ao falarmos em mudança, temos que abordar a cultura, pois ela representa as práticas e ações sociais que seguem um padrão em determinado espaço. A cultura refere-se às crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma

sociedade. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período.

Segundo Da Matta (1987, p.48) para haver cultura precisa existir uma tradição viva, conscientemente elaborada, passando de geração para geração, permitindo individualizar ou tornar singular e única uma comunidade em relação às outras. Uma coletividade pode viver ordenadamente, mas sem uma tradição não tem consciência de seu estilo de vida. E essa consciência é que o torna socializado, podendo situar-se através de uma lógica de inclusões e exclusões necessárias, num constante diálogo entre o que somos ou queremos ser e aquilo que os outros são, e nós não queremos ser.

A consciência das regras e normas é uma forma de presença social que ocorre num dialogar entre o indivíduo e as posições do grupo ao qual está inserido. Por isso, Da Matta (1987, p.48) afirma que como consequência disto, a tradição viva e a consciência social subentendem responsabilidade, e esta significa excluir possibilidades, que dizem respeito a escolhas entre muitos modos de pensar, perceber, classificar, ordenar e praticar uma ação sobre o real. Para ele, uma tradição viva é um conjunto de escolhas que necessariamente excluem formas de realizar tarefas e classificar o mundo.

Temos que trabalhar a relação do público com as artes, modificando e resignificando valores culturais, para que a sociedade como um todo, possa usufruir da arte contemporânea. Fazendo o novo sujeito dialogar com suas experiências, vivências e novas percepções em relação à arte e aos fazeres artístico. Podendo fazer suas leituras dos objetos artísticos, aproximando o público das artes, sem o choque ou o estranhamento devido à falta de compreensão dos assuntos e aos elementos que compõem a obra.

Para Da Matta (1987, p.49) no caso das tradições culturais autênticas existe um processo dialético e uma interação complexa, recíproca, entre as regras e o grupo que as realiza em sua prática social. Esse duplo vivenciar e conceber, em que o grupo vive as regras e as regras vivem o grupo, permite a singularização e valorização do tempo. Fazendo com que ele seja visível, significativo. Em que situações valorizadas pelo grupo tornem sua duração breve, rápida, rara, transformando esse tempo importante para o grupo por passar tão depressa, que é visto como “ouro puro quando um artista o preenche com seu virtuosismo e o arranca das periodizações diárias”. Já em situações negativas a noção temporal é ampliada, parece que o tempo está paralisado, e horas se tornam dias.

Para Da Matta (1987, p.50) a tradição é o que torna as regras passíveis de serem vivenciadas pelo grupo, desta forma, uma sociedade e seus membros a percebem como algo inventado para eles, por isso há o sentimento de pertencimento. “Assim dizem “fazemos deste modo porque assim diz nossa tradição” e a “nossa tradição” é uma realidade [e uma realização] dinâmica. Que está dentro e fora do grupo; que pertence aos ancestrais e espíritos; que a legitimam e a nós mesmos [pobres mortais], que a atualizamos e honramos no espaço atual, no momento presente”.

Nada mais interessante para ocasionar uma mudança cultural do que aprendermos cedo, enquanto pequenos. Ao criarmos uma relação entre as crianças e as artes, estaremos estabelecendo uma relação com o adulto de amanhã. Que trará consigo os valores em relação à cultura artística com outro olhar, muito diferente do que é hoje. Não andarão por caminhos paralelos em relação à arte, mas sim por um mesmo caminho. Por ter vivenciado a mudança em relação às suas aulas de arte, por ter entendido que a arte é além de muitas outras coisas, conhecimento. Assim, criando uma tradição cultural em relação às artes.

Para Da Matta (1987, p.50) sociedades sem tradição são sistemas coletivos sem cultura. A cada sociedade corresponde uma tradição cultural que se assenta no tempo e se projeta no espaço. Através de sua projeção e materialização em objetos [arte], ela pode sobreviver à sociedade que a atualiza num conjunto de práticas concretas e visíveis. “Assim, pode haver cultura sem sociedade, embora não possa existir uma sociedade sem cultura.”

A realidade humana possui dois segmentos importantes, como a diferença entre cultura e sociedade. A cultura expressa valores e ideologias. É através da expressão material que podemos separar, distinguir e atribuir valores [significado] às nossas ações, ou seja, o conjunto das ações humanas é expressa numa moldura material que irá as distinguir de outros conjuntos e de outras sociedades. O que fica de uma sociedade é o que lhe é significativo, por isso, se torna tão precioso. Mas devemos estar atentos para percebermos que a realidade cultural nos remete “a um plano especulativo, ideal e idealizado, sempre resistente a uma atualização perfeita e integral em termos de ações humanas e de personagens humanos.” (DA MATTA, 1987, p. 51)

A sociedade funciona conduzindo ao conjunto, à totalidade, pois uma ação individual irá desencadear outra e os grupos irão fazer suas ligações. Trazendo com isso problemas práticos, de ordem concreta. Então, a necessidade de se colocar pessoas lado a lado, mobilizando ações e estas requerendo espaços e instrumentos apropriados.

“Enquanto o texto pode ignorar elos pessoais e sociais concretos, processos emocionais formados ao longo dos ensaios da peça, a sua representação não pode deixar de presenciar essas formas de relações entre atores e seus papéis; os personagens entre si, dentro do texto da peça; entre os atores como pessoas uns com os outros; e, ainda, entre atores e personagens e todas as pessoas encarregadas em “dirigirem” o show. Isso apresenta um paradoxo, pois para termos um sistema implementado é preciso criarmos posições fora dele; gente que ficará situada ao longo e mesmo fora da peça, mas que vigia sua representação. E isso ocorre nas sociedades concretas, na figura das pessoas que controlam o poder e têm a obrigação de situar os desviantes e os criminosos – os que, no drama da vida – não querem ou não podem desempenhar os seus papéis...” (DA MATTA, 1987, p.54)

A partir desta perspectiva da realidade humana com a noção de sociedade, necessitamos de “uma orientação sincrônica, integrada, sistêmica e concreta de pessoas, grupos, papéis sociais e ações sociais.” (DA MATTA, 1987, p. 54)

Então, podemos trabalhar pequenos grupos, mobilizando-os em relação ao hábito de frequentar ambientes de fazer artístico, modificando a estrutura educacional das aulas de artes para habilitar a leitura visual, ensinar artes em pontos de cultura [abrindo espaço para a comunidade local], preparando a comunidade para se inserir dentro do panorama artístico, criar platéias para espetáculos teatrais, de dança, fazer exposições públicas de arte. Porque não dizer, devemos desenvolver uma tradição das artes modificando nossa cultura atual, adequando-a mais as necessidades contemporâneas, de leitura e interpretação de imagens e do processo de comunicação como um todo. Tornando-nos pessoas mais perceptivas e conectadas.

O conceito de sociedade presta-se para que haja uma percepção deste funcionamento do mundo, expondo os problemas das inter-relações entre os grupos, seus segmentos, as pessoas e os papéis sociais, etc., pois é virtualmente impossível fazer um estudo de uma sociedade concreta, sem interligar seus domínios e segmentos entre si. Existem diversos trabalhos que especulam os requisitos funcionais da sociedade humana, seus traços ou mecanismos em que uma coletividade humana necessariamente cria e desenvolve para transformar-se numa sociedade.

“E se pensamos, como fizeram tais teóricos, em termos de totalidades e relações, não será difícil perceber que uma sociedade requer palco [ambiente geográfico], um texto [valores e papéis sociais fixos], uma linguagem comum a “atores, dramaturgos e espectadores”, formas diversas de dividir o trabalho e as tarefas requeridas pela peça que deseja encenar, domínios que assegurem sua reprodução e sua produção, estruturas de dominação que assegurem o controle das disputas e as zonas de ambigüidade que o drama por ele encarnado possa engendrar; além de especialistas que possam escrever e reescrever suas peças. A perspectiva da peça, com seus requisitos e mecanismos institucionais, não é todo o drama, pois esse mesmo conjunto pode exprimir dramas diversos e nós sabemos como um mesmo texto tem interpretações distintas.” (DA MATTA, 1987, p.55)

Dentro desta visão a discussão da realidade humana e o conceito de sociedade serão complementados pela noção de cultura. Está remeterá ao texto e aos valores dando “sentido ao sistema concreto de ações sociais visíveis e percebidos pelo pesquisador”. É a noção de cultura que nos faz perceber dimensões internas da maneira como cada papel é vivenciado, fazendo-nos entender as escolhas que demonstram a diferenciação de um grupo a outro em suas atualizações, mantendo a coletividade viva. Logo, toda a sociedade tem uma infraestrutura das relações dos homens com a natureza e seus meios de produção e uma superestrutura englobando as relações dos homens com os outros homens, e dos homens com as idéias.

Por este motivo, é muito importante resignificar o papel da escola como uma instituição que abriga, constrói o saber e que utiliza a arte como parte do conhecimento que é obtido por meio dela. Também a importância de preparar de maneira adequada os profissionais de arte-educação que irão transmitir esse conhecimento as crianças. Além dos outros papéis que entram na história educacional, como todos que integram o ambiente escolar; professores, diretores, donos de escola, produtores culturais e os políticos que deliberam as verbas e que aprovam as leis e suas diretrizes, para a educação e a cultura. E a comunidade em geral, que irá se integrar ao processo como aquela que vai estimular a criança, e partilhar com ela deste novo enredo da vida cultural.

A arte pode ser utilizada como ferramenta de relação entre esses grupos que formam nossa sociedade, servindo como ferramenta de inclusão e transformação social.

A problemática não esta em explicar as instituições em seu plano formal, mas sim, em como são vividas e concebidas pelas pessoas que as criaram, que as mantêm e que as reproduzem. “Não há uma sociedade humana sem uma noção de paternidade ou maternidade, sem idéias a respeito da filiação e do comportamento ideal das suas crianças.” O fator formal é percebido na visão sociológica do mundo. Mas esta visão não explica o conteúdo de cada papel social, pois estes variam de grupo para grupo, e lógico que de sociedade para sociedade. As ideologias e os valores contidos nas relações sociais que vão gerar esses conteúdos dos papéis sociais, e podem ser observados em determinado grupo e irão nos auxiliar a compor o que é coberto pela noção de cultura. Então, toda a coletividade humana se utiliza de uma noção de sociedade ou de cultura para exprimir sua realidade social.

“Assim, muitas vezes um costume é justificado dentro de uma moldura social: “fazemos isso porque é mais econômico”, “temos aquilo porque existe uma ligação entre X,Y e Z” [...] Mas também utilizamos a moldura cultural para exprimir

e englobar condutas, racionalizando-as e legitimando-as. Quando, por exemplo, falamos: “O rei mandou matar porque isso faz parte de nossa concepção de realeza”; “comemoramos o carnaval porque isso faz parte de nossa tradição”, “rezamos a Deus porque é Ele quem informa todos os nossos costumes”. Num caso, o apelo é para uma lógica direta, externa, aparentemente visível. No outro, a sugestão é a de que a conduta é legitimada pelos valores e conjuntos de idéias que o grupo atualiza, honra e que, por isso mesmo, servem para distingui-lo como uma singularidade exclusiva.” (DA MATTA, 1987, p.56 e 57)

Por este motivo a importância de se significar o valor das artes para a sociedade, enquanto ferramenta de inclusão, atualização, renovação, formação e etc., e também como meio de comunicação que irá se atualizar e aprimorar com o tempo, mantendo sempre conectados e atualizados diante das linguagens e assuntos referentes ao povo, a comunidade, a sociedade que vem sendo delineada ao longo dos tempos. Diminuindo os espaços, as ausências e principalmente as diferenças entre todos.

“Na perspectiva em que estamos situando a realidade social e a realidade cultural, pode-se dizer que o arqueólogo tem a cultura e, por meio do seu estudo detalhado, espera chegar a sociedade. Ao passo que o antropólogo social tem o sistema social [ou a sociedade], e, observando-o e entendendo por meio de entrevistas e conversas as motivações que o sustentam, espera poder chegar aos seus valores e ideologias. [...] Já os antropólogos sociais, que observam sistemas de ações concretas e de práticas vividas por um dado grupo num certo período de tempo, tendem a minimizar o papel dos objetos materiais que o grupo cristaliza em sua trajetória, objetos que concretizam sua história e o modo pelo qual ele pode se perpetuar enquanto coletividade. Daí, como estamos vendo, a importância dos dois conceitos que, tudo indica, exprimem aspectos fundamentais da vida social das coletividades humanas e nos ajudam a perceber sua especificidade.” (DA MATTA, 1987, p.57 e 58)

Não podemos deixar de citar o produtor cultural, dentro desta lógica da realidade social e cultural, pois ele irá trabalhar em seus projetos em cima destes valores e ideologias, percebidos em cada coletividade buscando atualizar o sistema de ações humanas a partir deste novo olhar e atitude em relação as artes procurando introduzir na coletividade mecanismos e papéis que dialoguem com as necessidades contemporâneas, deixando bem definida sua especificidade para que de fato possa unir arte e público.

A realidade social se transformará e será refletida culturalmente. Os aspectos da vida social, como uma mudança dentro do ambiente escolar, a partir de uma reformulação na maneira como é vista e ensinada à arte para as crianças já ocasionará uma mudança cultural devido aos aspectos que se agregarão ao conteúdo apreendido pelas crianças, com os processos e projetos voltados a integração entre arte e público. A especificidade da arte estará mais clara para esses futuros adultos que representarão nossa sociedade no futuro. Com seus valores e idéias atualizados em consonância com a contemporaneidade. E podendo se utilizar

e dialogar com as linguagens impressas nas imagens que permeiam nosso mundo contemporâneo.

3.2 Lazer, identidade cultural e necessidade de pertencimento

De acordo com Greenberg (1996, p.47 e 48) o lazer vem a ser tanto uma função quanto um produto do trabalho, e ele vai ser modificado à medida que o próprio trabalho muda. A sua qualidade será determinada por circunstâncias materiais e sociais, não sendo essa qualidade determinada pela qualidade da atividade que o gera. A concepção de lazer antes do industrialismo era de que o lazer era o aspecto positivo da vida enquanto o trabalho, o negativo. O que havia de comum com a atualidade, era a separação do trabalho e do lazer, em termos de atitude e tempo, permitindo “que algumas atitudes desinteressadas próprias do lazer, e da própria cultura, fossem levadas para o trabalho, diluindo-o.”

Quando a eficácia do trabalho passou a ser mais apreciada, mas este se separou do lazer. O trabalho era considerado a atitude que possui finalidades sérias, e sua eficiência seria modificada em termos de atitude, de método, e principalmente, de tempo. Então, o lazer foi reduzido, passando a ser interpretado como ocasiões de passividade, de interlúdio, um intervalo do trabalho; tornando-se periférico, e o aspecto central e positivo da vida passou a ser o trabalho, sendo visto como “a ocasião para a realização de suas finalidades mais elevadas.” Logo, o lazer tornou-se a atividade sem finalidade, a inatividade. (GREENBERG, 1996, p.48)

Talvez deste aspecto é que algumas pessoas vejam a arte, como um lazer, mas o lazer ligado a tudo o que não é trabalho. E não como um ofício que dá prazer, a quem realiza a atividade artística e a quem participa dela enquanto espectador, o público. Pode ser lazer, mas não deixa de ser trabalho. Mas pelo fato, de estarmos presos ao conceito pejorativo da palavra lazer, algumas pessoas ainda a vêem como uma atividade sem finalidade. E não como um trabalho carregado de finalidades e imbuído de diversos sentidos, significados e valores, tanto para as pessoas que a realizam como ofício, como para aquelas que participam como observadores.

“A dificuldade de dar prosseguimento a uma tradição de cultura orientada para o lazer em uma sociedade orientada para o trabalho é por si só suficiente para manter irresolvida a atual crise em nossa cultura. [...]

A única solução para a cultura que posso conceber sob estas condições é deslocar seu centro de gravidade do centro de gravidade para longe do lazer e colocá-lo no meio do trabalho. [...] (GREENBERG, 1996, p.49 e 50)

Se pensarmos na relação do público em relação à arte, talvez devêssemos demonstrar que ela é lazer e trabalho. Ao modificarmos nossa cultura em relação às artes essa percepção será mais clara, tanto para os que realizam a atividade artística como para os que usufruem dela.

Segundo Greenberg (1996, p.49 e 50) nas “sociedades abaixo de um determinado nível de desenvolvimento econômico todos trabalham”, nos locais que isso ocorre o trabalho e a cultura fundem-se num único complexo funcional. Não havendo distinção entre arte, folclore e religião, não somente na intenção, mas também na prática, nas técnicas de produção, de cura e até de guerra. “O rito, a magia, o mito, a decoração, a imagem, a música, a dança e a literatura oral são a um só tempo religião, arte, folclore, defesa, trabalho e “ciência”.” Com o passar dos anos, seus processos evolutivos separaram essas atividades umas das outras, especializando-as, e agora temos a cultura e a arte pela arte, a religião em função do que é incognoscível e o trabalho com fins práticos. Parece que esta separação será definitiva, mas a partir do momento em que o trabalho se torne universal, crie-se novamente a possibilidade para que trabalho e cultura se reaproximem ou haja um entrelaçamento entre finalidades interessadas e desinteressadas.

Acreditamos que este é um equívoco cultural, pois pensamos que a arte é também trabalho, mas é uma atividade que dá prazer por este motivo sofre uma interpretação cultural errônea. Pode ser um caminho possível mudar o centro de direção para longe do lazer e inseri-lo no meio do trabalho, mas na realidade é demonstrar que isso ocorre, mas infelizmente nosso olhar ainda não é capaz de captar esse processo, pois toda atividade artística e cultural gera e dá trabalho [no sentido amplo da palavra], tanto no fazer [realizar] como no sentido do esforço [executar] e também no sentido econômico. Buscando através da arte-educação e projetos que visem o diálogo entre a arte e a cultura, poderemos além de outras finalidades, significar o valor da arte como um ofício que é trabalho e lazer ao mesmo tempo.

A cultura sofre mudanças devido ao seu mecanismo adaptativo e cumulativo. Traços se perdem, outros se associam, em velocidades distintas nas diferentes sociedades. Dois mecanismos básicos que permitem a mudança cultural: a invenção ou introdução de novos conceitos, e a difusão de conceitos a partir de outras culturas. Então, podemos pensar no direcionamento das artes para a educação visando abranger um público mais diversificado e não buscando uma educação a nível de formação profissional, mas no sentido do aprendizado, para que a arte possa ser vista e atuar como um conhecimento. Funcionando assim, como uma

mola condutora e produtora de vários níveis de entendimento, ou seja, utilizar a educação para ampliar o público receptor de arte. Para que haja uma descoberta, um desenvolvimento, uma nova postura e um novo comportamento em relação às artes. Gerando uma mudança cultural, originada pela revelação [de algo desconhecido] e uma resignificação da arte pela própria sociedade, fazendo assim, que queira e decida por adotar essa nova idéia, conceito.

Visto que os aspectos da vida cultural estão ligados entre si, a alteração mínima de somente um deles ocasionará efeitos em todos os outros. Como toda mudança acarreta geralmente uma resistência, devemos justificar e embasar, demonstrando os resultados obtidos em projetos de arte-educação, nas instituições que a abrigam, frente aos nossos representantes do governo e a comunidade ao qual estará inserido, para que seja de fato absorvido por nossa sociedade. Pois modificações que são realmente proveitosas, se tornam inevitáveis, e esse caráter deve ser bem argumentado e demonstrado através de pesquisas de público, de gráficos qualitativos e quantitativos em relação a cada projeto, para que seja de fato adotada e absorvida por nossa sociedade, e esta não queira rejeitá-la por um novo conceito.

Para que não ocorra um desconforto em relação às artes, devemos criar uma ponte para aproximar e gerar uma relação dialógica entre público e arte ou a suas manifestações artísticas. Devido às mudanças e atualizações da modernidade, necessitamos de um processo de mudança cultural em relação às artes, criando uma identidade cultural. Pois a identidade cultural é o sentimento de identidade de um sujeito/grupo ou cultura na proporção em que ele é influenciado pelo pertencimento a um grupo ou cultura e seus mecanismos de afiliação e ou exclusão. Sendo na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exercerá um papel fundamental em delimitar as características de cada grupo.

Segundo Barbosa (texto “Arte, Educação e Cultura”) a educação poderia ser o caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo que começaria pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Pois no século vinte, os movimentos de descolonização e de liberação criaram a possibilidade política para que os povos que tinham sido dominados reconhecessem sua própria cultura e seus próprios valores.

Para ela a identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas. “A identidade cultural, no terceiro mundo, é o interesse central e significa necessidade de ser capaz de reconhecer a si próprio, sendo uma necessidade básica de sobrevivência e de construção de sua própria

realidade. Enquanto os termos “multicultural” e “pluricultural” significam a coexistência e entendimento mútuo de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo “intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas. Devendo este ser o objetivo da educação interessada no desenvolvimento cultural. Mas para alcançar tal objetivo, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações.” (BARBOSA, texto “Arte, Educação e Cultura”)

“Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes do processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes baixas o acesso à cultura erudita. Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são códigos dominantes – os códigos de poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mais tais códigos continuarão como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do “outro”. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais.” (BARBOSA, texto “Arte, educação e cultura”)

Um caminho possível para que ocorra essa interação de classes sociais interagindo com a cultura local e tendo acesso a arte erudita são os projetos de arte-educação que ocorrem no museu. Pela própria instituição não ser frequentada por pessoas de classe social mais baixa, devido ao hábito cultural ou por simplesmente considerarem que não fazem parte deste universo, o que é um equívoco, pois o museu é para todos. Com projetos que integrassem escola e museu, abriríamos a porta de entrada para as crianças da escola pública. Dando a elas a oportunidade de sentirem que fazem parte do espaço, integrando-as ao universo cultural que pertence a elas. Mas para que isso ocorra, elas precisam ter aulas específicas de arte, ou projetos que promovam a ida ao museu. Esses projetos precisam ser continuados e ampliados dentro do universo educacional, com aulas específicas de arte para cada instituição, dando a noção ao aluno e a instituição que o abriga da importância de inserí-lo no ambiente cultural para que o processo não seja prejudicado e seja considerado como passeio estudantil.

De acordo com Barbosa (texto “Arte, educação e cultura”) a função das artes na formação da imagem da identidade lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura. Pois é através da arte que temos a “representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças.” Ou seja, ela pode

ser vista como uma linguagem dos sentidos, por ela podemos transmitir significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva ou científica.

Para Barbosa a cultura de um país pode ser entendida através de sua arte, pois sem o conhecimento das artes de uma sociedade estaremos conhecendo parcialmente sua cultura. Para que ocorra a identificação cultural deve-se ter o conhecimento de sua arte, atingindo assim um resultado significativo.

“Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer porque elas usam um outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.” (BARBOSA, texto “Arte, educação e cultura”)

Afirma que a arte na educação é um instrumento importante para a identificação cultural e o desenvolvimento de uma sociedade. Por ser através dela que desenvolvemos nossa percepção e imaginação, apreendemos a realidade do meio ambiente, desenvolvemos nossa capacidade crítica, permitindo-nos analisar a realidade percebida e sermos capazes por meio da criatividade de modificar esta realidade.

Acreditamos que esse outro olhar das artes deve ser iniciado o mais cedo possível. E que este conhecimento deve ser obtido na escola. Pois lá temos nossa formação de conhecimentos gerais, com diversas disciplinas, mas infelizmente a arte, não é vista da mesma maneira, fica relegada a uma aula de confecção de objetos para datas comemorativas. A aula de arte deve ser baseada na experimentação, mas deve possuir um objetivo claro para que as crianças possam através dela desenvolver sua criatividade, sua percepção, sua imaginação etc., e atuar como meio para que a criança se torne capaz de analisar a realidade que esta sendo abordada.

Temos que modificar a identidade cultural de nossa sociedade, com essas modificações de olhar e atitude em relação às artes. Pois a identidade cultural de um grupo ou cultura é o sentimento de identidade de um indivíduo, grupo ou cultura e está relacionado com a influência que sofre em relação às atualizações e modificações do grupo ou cultura, devido ao sentimento de pertencimento gerado pela identificação do indivíduo com o grupo ou cultura. Fazendo com que ocorra a produção de sentido, através da identificação e se construam essas identidades. Fortalecendo esse sentimento de pertencimento a determinado grupo ou cultura e aos seus mecanismos de afiliação ou exclusão.

Segundo Hall (2006, p.10) existem três concepções de identidade; a do sujeito do iluminismo baseada na pessoa humana, surgindo com seu nascimento e desenvolvendo-se junto com ele, mas permanecendo o mesmo ao longo de sua existência, ou seja, é muito particular e individual; a do sujeito sociológico que demonstra a complexidade do mundo, o interior do sujeito que sofre influências da cultura ao qual esta inserido, há uma interação entre o eu e a sociedade; o sujeito pós-moderno como não possui identidade fixa, se modificará de acordo com o sistema cultural ao qual se insira ao longo da vida, ele assumirá identidades diferentes em diferentes momentos. É a identidade do sujeito sociológico que queremos modificar, pois devemos observar suas interações e sua pertença ao novo olhar em relação às artes, como será influenciado por esta nova cultura, das artes e de suas interações.

Para Hall (2006, p.14 a 18) a “globalização” causa impactos profundos na identidade do sujeito, e diante das transformações e atualizações da sociedade moderna, e os novos caminhos encontrados pela arte deverão focar em uma visão diferenciada de arte, para que o sujeito moderno consiga se inserir e adaptar-se aos novos meios artísticos, acostumando o olhar, e sendo capaz de trazer para esta realidade uma identidade perceptiva. Daí a necessidade de inseri-lo no ambiente artístico ou provocá-lo, estimulá-lo através da arte desde criança. Hall alerta para o caráter provisório das identidades modernas, por estar sempre se deslocando em relação às mudanças da modernidade. Por este motivo é necessário que a arte seja aprendida na escola, mas não como uma banalidade qualquer, mas sim, como uma ferramenta educacional, aliada a outras formas de conhecimento, outras matérias e de maneira que a criança adquira o conhecimento artístico assim como obtém o da língua, o da matemática e etc. A arte será um conhecimento que vai pertencer à criança seguindo ela independente do caminho profissional que escolherá. Por isso a necessidade de se criar uma identidade cultural em relação à arte, para que todos se sintam pertencentes ao grupo e aos seus mecanismos de afiliação, fazendo com que o conhecimento artístico e os processos artísticos se desloquem junto com os sujeitos modernos.

Ao utilizarmos a arte-educação como ferramenta de inclusão social e modificarmos o olhar em relação à arte, a percebendo como um conhecimento. Criaremos uma identidade em relação às artes, por entendermos sua especificidade e por conseguirmos por em prática os ensinamentos obtidos a partir dela, como por exemplo, ao nos tornarmos capazes de ler e interpretar uma imagem.

Segundo Hall (2006, p.47 e 51) no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Por serem compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Ela é um discurso, uma maneira de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Então, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem-se as identidades.

Pela importância que as instituições culturais possuem, por suas representações e símbolos, que o estudo se baseou numa escola, que é a primeira instituição que frequentamos de onde retiramos nosso conhecimento, aprendendo valores e trocamos com o outro. E a outra instituição foi o museu, por ser um local que pertence a todos, mas nem todos dialogam com a instituição, por não se sentirem pertencentes a ela.

Um dos aspectos importantes da globalização diz respeito a essa nova compreensão e relação com as distâncias e a noção temporal, que causam profundos efeitos as identidades culturais. O lugar vai determinar o sentido de ser o local de práticas sociais, nos moldando e formando. E formando uma ligação com a nossa identidade, por ser conhecido, concreto, específico e familiar. Criando a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades. “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais.” (HALL, 2006, p.68)

A globalização diminui as distâncias e a relação espaço-tempo, atualizando e transformando as identidades do sujeito moderno. Quando pensamos na escola como um local de prática social e de trocas culturais, como um importante ambiente na construção das identidades. E o museu por ser uma instituição que pertence a todos em seu aspecto físico e cultural, mas por diversos equívocos sociais e culturais, não abriga dentro de seu espaço a população como um todo. Os meios de comunicação como a internet diminuiram a relação espaço-tempo, temos acesso ao mundo numa fração de segundos, mas não podemos esquecer-nos da importância de trocas com o outro presencialmente, o mundo contemporâneo não pode ser só virtual, deve contemplar e utilizar os benefícios dos avanços tecnológicos, mas sempre visando à melhoria do contato entre as pessoas, aumentando as possibilidades de aprendizado. Como por exemplo, assistir no museu uma exposição que esta acontecendo no Japão ou em

qualquer lugar do mundo, mas com crianças que possam vir de suas escolas e participar deste evento, partilhá-lo com sua comunidade.

Hall (2006, p.76 e 87) ao tratar da discussão entre o “global” e o “local” tenta mostrar a tensão na transformação das identidades. As identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particular de vínculo ou pertencimento. Mostra como a globalização tem efeito sobre as identidades, que são os novos modos de articulação dos aspectos particulares e universais da identidade ou de novas formas de negociação da tensão entre os dois. Para ele, a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Possuindo um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionadas, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Abrindo a possibilidade de articularem-se novas identidades, produzindo novos sujeitos. Devemos perceber que a globalização leva a um fortalecimento de identidades ou à produção de novas identidades culturais, devido ao rápido acesso a outras culturas fazendo-as articularem-se as identidades do sujeito moderno.

O lugar de práticas culturais deve ser delimitado, especificado, tornando-o concreto, conhecido, familiar. Pois esta relação de familiaridade será baseada em conceitos que nos moldarão e nos formarão socialmente, e com os quais nossas identidades estarão estreitamente ligadas. Por este motivo o interesse na escola, que é o primeiro local de trocas sociais em que somos inseridos. E o museu, por ser o local que pertence a todos, mas nem todos transitam por este espaço de cultura.

CONCLUSÃO

A intenção desse trabalho era refletirmos sobre a importância das artes dentro de um universo que não necessariamente o artístico, um ambiente em que ocorram trocas sociais e culturais. Para isso investigamos como a arte é inserida na escola e como são articuladas as interações entre público e arte no museu para que diminuam as distâncias entre eles. Esses são os locais específicos abordados no trabalho, buscamos perceber se utilizam a arte como uma forma de conhecimento. Esta é uma das questões prioritárias dessa monografia, modificar o olhar das pessoas em relação à arte, identificando a recepção do público em relação a ela e pensar em quais mudanças culturais devem ocorrer em nossa sociedade para que a arte, consiga atingir de fato, seu *status* de ser uma forma de conhecimento. Buscamos trazer a importância da arte-educação como ferramenta transformadora da percepção da arte modificando a relação: público e arte. Partindo de uma análise dessas duas instituições que agregam grupos: o primeiro a escola, em que o grupo é fixo, por serem alunos de um mesmo segmento, uma mesma turma e o segundo o museu, que transitam grupos de pessoas diversas e alguns de um mesmo segmento, como grupo de professores, de estudantes, etc.

Necessitávamos observar como era realizado o ensino de artes atualmente, por isso escolhemos uma escola para analisar a relação das crianças com as artes dentro de um ambiente específico. Os objetivos do trabalho foram alcançados parcialmente, em relação à investigação, ou melhor, a observação de como é o ensino de arte na escola e de que maneira chegam até a educação infantil. Atingimos o objetivo em poder observar seu processo. Nesse processo verificamos que a uma relação que é construída dia a dia, utilizando os próprios

fazeres artísticos para a obtenção do conhecimento, esse conhecimento é o da própria arte e outros que partem das experimentações que são proporcionadas as crianças fazendo com que elas ampliem sua visão de mundo.

A primeira dificuldade encontrada foi definir o assunto que queríamos abordar dentro do universo das artes, depois qual o melhor caminho que deveríamos trilhar para discutir a questão de como é vista a arte e como é utilizada a arte-educação atualmente. Então, vieram as indagações: Quais questões seriam pertinentes investigarmos em relação às artes e a arte-educação? Qual público deveria ser abordado? De que maneira o trabalho seria melhor abordado: pesquisa, projeto, monografia, estudo metodológico?

Depois de definido o tema com maior clareza, tanto na execução como em sua estrutura. A dificuldade ficou no acesso as pessoas que gostaríamos de entrevistar. Primeiro foi a professora da educação infantil da escola apresentada, numa conversa ela disse que preferia responder por e-mail, mas nunca respondia. Em outra tentativa pessoalmente deixando as perguntas impressas para que pudesse responder também não obtivemos sucesso, afirmou então que o faria por e-mail... Mas nenhuma resposta chegou. Podemos concluir com essa falta de tempo e de respostas em relação aos questionamentos pertinentes a arte no universo da educação infantil, é que nossos professores deste seguimento não possuem um embasamento teórico e talvez prático para a sua execução, o fazem a partir de cartilhas ou direcionamentos de um coordenador que atua supervisionando suas atividades com as crianças. Então, percebemos o que Ana Mae aborda da necessidade de se formar profissionais habilitados para atuar como arte-educadores, dá necessidade de se possuir uma extensão em algum curso de arte, para que o profissional possa entender o que faz [o que ensina] e seja capaz de perceber essa importância para além dos domínios do ambiente escolar.

Depois a mesma dificuldade se repetiu ao tentarmos fazer contato com o núcleo de arte-educação do MAC. Por e-mail, por telefone e presencial... Não obtivemos nenhuma resposta para as perguntas. O engraçado é tanto abordamos a questão do acesso, que não poderíamos imaginar que a palavra poderia ser usada tão coerentemente neste momento. A intenção do segundo capítulo era abordar de maneira detalhada os projetos de arte-educação, para que pudéssemos conhecê-los e analisar os ganhos obtidos com eles. Pois, o site do museu é muito sucinto em relação aos projetos e não conseguimos fazer a entrevista que pretendíamos. Não nos possibilitando nem confrontar idéias.

Retomando a idéia do primeiro capítulo que se baseou na relação das crianças com as artes, através de seu estudo de arte dentro do ambiente escolar. Investigando: Como é o ensino

de arte na escola? De que maneira os fazeres artísticos ou os estímulos das artes chegam até nossas crianças?

Em relação à primeira pergunta podemos concluir que o ensino de arte na escola é em consonância com as outras atividades, são às vezes específicos como, por exemplo, através da aula de arte, em que as crianças param para realizar algum objeto artístico, através de diversos materiais. Sendo às vezes, introduzidos em algum momento como pausa de uma tarefa ou início de outra, então são utilizadas as leituras, que podem ser seguidas de alguma atividade, como um desenho da história apresentada ou pode ser seguida de um relaxamento. As aulas de música são específicas, mas em algumas situações também integram outras atividades. Inclusive a própria rotina da criança possui uma canção em que descreve o que faz no dia a dia.

São proporcionados diversos momentos de participação, experimentação e trocas principalmente através das rodas. A arte é vista e tratada como um conhecimento, que desenvolve e integra outros saberes, sendo também utilizada como meio de comunicação. Permitindo que a criança aumente a sua percepção em relação a si mesma e ao grupo ao qual esta inserida. Nessa escola também é realizado um trabalho de leitura da imagem, apresentando a criança e fazendo com que ela perceba os elementos que compõem a imagem e estimulando-a a perceber como dialogam dentro de cada contexto que lhes é apresentado.

As situações lúdicas promovem uma maior integração das crianças com o espaço educativo, das crianças com as crianças e com seus educadores; as aulas de música apresentam repertórios e o resgate de cantigas tradicionais promovendo um contato com nossa cultura; as aulas de arte proporcionam a representação por meio da imaginação, desenvolvendo a criatividade.

O processo de realização e o projeto propriamente dito proporcionam a elas, o momento da pesquisa, da confecção de objetos, da participação e da realização – a exposição. O projeto promove num sentido geral, uma maior consciência e conhecimento em relação ao tema abordado; uma integração de todas as áreas de conhecimento, distribuídas na feitura dos objetos com etapas relativas a cada saber; experiências participativas, nas atividades propostas e nas aulas de música, e perceptivas quando nas aulas de arte é apresentado algum artista e eles desenvolvem seus trabalhos a partir do que foi apresentado.

A relação com o teatro acontece com a apresentação de espetáculos teatrais que acontecem na escola permitindo o jogo e proporcionando o pensamento sobre a realidade da vida, ampliando os referenciais de mundo da criança e trabalhando as linguagens, aumentando a sua criatividade e as suas percepções.

A valorização da arte está no sentido em que é apresentada como um caminho para o conhecimento, utilizando-se dos aspectos educativos contidos na arte. A experimentação seguida da pesquisa e da construção do conhecimento transformando todos em construtores e participantes do processo de aprendizado, promovendo assim a busca entre o sentir, o pensar e o agir. Fazendo a interação entre o saber e a prática.

Já no capítulo seguinte pretendíamos dar uma abordagem diferenciada, exemplificando os projetos de arte-educação do MAC, para que pudéssemos analisar seus possíveis efeitos na sociedade. Além de promover discussões a partir das idéias deles. Não atingimos esse objetivo. Só podemos expor brevemente alguns projetos, mas o que tínhamos maior interesse não obtivemos informações para analisá-los com maior aprofundamento. Na pesquisa de questões sobre arte-educação percebemos que os projetos buscam promover a interação entre público e arte. Talvez ainda necessitem de algum ajuste para que não se tornem momentâneos e sua função não se perca com o tempo. Devendo ser sempre averiguados e pesquisados meios para que se perpetuem e atualizem-se dentro da estrutura do museu e das necessidades encontradas em relação a cada projeto.

As questões relevantes ao segundo capítulo são em relação aos projetos de arte-educação realizados no MAC. Como são realizados os projetos de arte-educação? Para quem são destinados? Forma-se um público a partir destes projetos?

Na parte da pesquisa pela internet citaram que os surgimentos das ações educativas do MAC vieram de uma necessidade em se criar desafios comunicativos entre os visitantes não pertencentes ao mundo da arte, buscando uma modificação no olhar, no entendimento e na percepção da arte contemporânea. O que tem muita afinidade com nosso pensamento motivador para a realização deste trabalho. Como poderíamos fazer com que o público não pertencente ao universo da arte pudesse dialogar com a arte contemporânea?

Para resolver essa distância entre o museu e o público foram criadas estratégias de aproximação e participação do público para as exposições. A partir de seu entendimento em relação aos trabalhos, sua interpretação não será baseada em conhecimentos de história da arte, mas sim, na experiência. Já que o processo da criação artística é aberto para ser explorado, tanto em ação como em interpretação. Aumentando assim, sua percepção para a metalinguagem inserida na imagem. Demonstrando com isso que a arte não está isolada de nosso cotidiano, não esta separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade, pois não existe visão desinfluciada e isolada, existindo também conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. A partir destas experiências arte- educativas podem-se criar uma relação entre público e museu, entre público

e arte. Só não podemos investigar se estes objetivos foram de fato alcançados, estão descritas suas intenções, mas não obtivemos respostas em relação aos seus resultados reais.

Realizam também projetos para intercâmbio de métodos e idéias de arte-educação entre artistas e profissionais de educação. E trocas entre educadores que atuam em espaços públicos e escolas. Estes projetos são muito pertinentes em relação às questões deste trabalho, pois poderíamos averiguar a ligação que existe entre escola e museu e aliar as necessidades encontradas para a escola e para o museu, e a partir do caminho atingido por eles [da instituição] refletirmos sobre os ganhos obtidos.

Mas nossas conclusões ficaram baseadas no que foi encontrado no site do museu a partir das iniciativas dos projetos, seus resultados não podemos analisar. Logo, podemos responder parcialmente as perguntas, no que diz respeito ao público os projetos são voltados a todos, principalmente aqueles que não fazem parte do mundo da arte e existem projetos destinados a escolas. Não podemos afirmar que se forma um público, pois necessitaríamos de entrevistar pessoas, analisar gráficos qualitativos e quantitativos em relação aos projetos que existem atualmente no museu.

No terceiro capítulo queríamos mesmo abordar o assunto arte-educação para que fosse realizada uma reflexão sobre os pensamentos de Ana Mae Barbosa e dos outros teóricos que tratam do assunto, de como deve ser a abordagem da aula de arte e como os projetos de arte-educação podem beneficiar quem deles participa. Complementando e justificando a abordagem dada no primeiro e segundo capítulos. Com este capítulo percebemos o quanto ainda temos que progredir, no sentido de formar profissionais cada vez mais capacitados e buscar apoios governamentais e institucionais para que avancemos cada vez mais e consigamos criar e manter essa relação entre público e arte.

No terceiro capítulo abordamos a cultura em alguns aspectos, com conceitos de alguns autores sobre o tema, para discutir quais execuções em relação à arte possuímos e fazemos alguns planejamentos futuros. Discutimos questões como o lazer, a identidade cultural e a necessidade de pertencimento. Para isso utilizamos autores da área de arte-educação e áreas afins.

Este capítulo foi realizado para termos um momento de reflexão de conceitos importantes sobre arte-educação e da importância do ensino de arte para o país, reforçando as necessidades que temos hoje, em relação às atitudes, ações que devem ser modificadas em nossa sociedade para que a arte-educação e as aulas de arte atinjam o patamar de sua real importância dentro da contemporaneidade. No que diz respeito à arte-educação, sendo de fato, mediadora entre público e as artes, seja esse público, infantil ou adulto.

Em relação à importância do ensino de arte na escola, a metodologia deve ser baseada em ações: fazer arte, ler a obra e conhecer sua contextualização. A importância do envolvimento da criança no processo, baseando-se em que o ensino de arte incentiva a criatividade, auxilia o processo de aprendizagem e prepara a criança para o mundo.

A compreensão da arte é para todos. Devendo-se investir na construção do conhecimento em arte, através da experimentação, decodificação e informação. Influenciando assim, o desenvolvimento cultural, através do ensino das artes. É muito importante também o desenvolvimento do olhar para a leitura de imagens. Desenvolvendo seus sentidos, para a recepção da obra de arte. Possibilitando que quando deixe a escola tenha se educado sua apreciação em arte e com a arte, desenvolvendo culturalmente o país. Unindo arte e público, pois a função da arte-educação é mediar arte e público.

Os resultados alcançados com o trabalho foram poder observar o ensino de arte na escola e verificar que é aliado aos outros saberes. Referente à instituição museu, podemos identificar que há necessidade de um maior diálogo entre pesquisadores de fora da instituição para que de alguma maneira possa contribuir com os projetos internos e desenvolver projetos externos que promovam a integração e interação entre público e a arte contemporânea de maneira efetiva para que possa criar-se um vínculo entre o público e o museu.

Poder demonstrar através da escola abordada no primeiro capítulo, a arte como instrumento na formação do sujeito. Através da sua linguagem com seus recursos simbólicos permitindo a construção de representações que só são possíveis pela arte. Em que sua linguagem na educação infantil envolve aspectos cognitivos, sensíveis e culturais conduzindo o aprendizado e aliando-o aos outros saberes. Como comunicação, não apenas como linguagem oral, mas na compreensão de situações cotidianas de interação com os integrantes do grupo. As diversas situações lúdicas propostas à elas favorecem a interação e integração das crianças entre si e com os objetos do ambiente. A proposta do resgate de cantigas aproxima as crianças de nossa cultura, fazendo-as se sentirem pertencentes a ela. Através da apreciação das cantigas e ritmos vivenciados. As artes são apresentadas para as crianças como um conhecimento, e a partir de sua vivência manifestarão suas representações. Sendo utilizados os aspectos educativos contidos no universo das artes.

O ensino está aliado à contemporaneidade onde a pesquisa e a construção do conhecimento ocorrem de maneira dinâmica. Através da experimentação, onde cada um de acordo com suas capacidades irá trilhar seu caminho. Trazendo a arte para seu processo de aprendizado de forma contínua e natural, dando significado a ela e colocando-a presente e próxima a sua realidade.

A importância dos projetos de arte-educação no museu demonstra que a instituição através do núcleo de arte-educação percebeu a necessidade de fazer o público não pertencente ao mundo da arte dialogue com a arte contemporânea. Fazendo-o perceber que também faz parte dele. Que as artes não estão restritas a um grupo de nossa sociedade, mas possui significados e sentido para todos. E serão construídos a partir do momento em que se permitam vivenciar as experiências artísticas. Eles perceberam a necessidade de se modificar o olhar, o entendimento e a recepção em relação à arte. Objetivando um entendimento do público em relação aos trabalhos como um pensamento que dialoga com ele, através de um processo dinâmico e criativo. Para que o público perceba que o processo da criação artística esta aberto em ações e interpretações.

Fazendo-nos perceber a importância da arte-educação na formação do olhar e na recepção da arte em nosso cotidiano, em nossa história pessoal. Ampliando os conhecimentos artísticos e estéticos das pessoas. Podendo ocorrer no museu, na escola, na rua e etc. Assim, o país mantém a produção e a recepção dessa produção ativa, viva e crítica. Pois a educação da recepção deve ser feita através do ver, do fazer e da sua contextualização. E com isso realizará o desenvolvimento cultural através do ensino da arte. Afinal, o objetivo da arte-educação é desenvolver os sentidos para a recepção da obra de arte. Unindo arte e público.

Na questão relacionada à cultura podemos afirmar que arte é cultura, pois é a expressão de sujeitos que expõem sua visão de mundo. Por este motivo vemos a necessidade em se criar uma relação com os fazeres artísticos na escola, incluindo ensinar a alfabetização visual tornando-nos capazes de ler imagens. E também a necessidade de se criar uma tradição em relação às artes para que essa seja transmitida as próximas gerações e incorporada a nossa cultura atual. Afinal, não podemos entender a cultura de um país se não formos capazes de entender a sua arte.

A arte na educação é um importante instrumento da expressão pessoal e da cultura sendo utilizada para a identificação cultural e seu desenvolvimento individual e social. Ao criarmos uma identidade cultural em relação às artes, os processos artísticos e seu conhecimento se deslocarão junto com o sujeito moderno sofrendo as atualizações necessárias. O lugar de práticas culturais sendo delimitado tornará a relação de familiaridade mais concreta, e o sentimento de pertencimento mais claro para o indivíduo e seu grupo.

Observamos os possíveis caminhos para a arte-educação no Brasil em nosso cenário atual. A educação é a maneira pela qual nos formamos enquanto indivíduos e quando utilizamos as ferramentas artísticas damos a esta formação um diferencial, não por ensinar um ofício, mas sim, por oferecemos um novo olhar, uma nova percepção da realidade. Com este

trabalho podemos perceber a importância da arte na infância, não somente para desenvolver o lado cognitivo, mas como conhecimento e que deve ser aliado aos outros conhecimentos obtidos na escola. Lá os grupos aprendem juntos, desenvolvem sua crítica de si, do outro e do mundo se formando como um ser completo, que deve questionar a sua realidade para se tornar capaz de modificá-la.

Há a necessidade de se formar profissionais mais habilitados para a área de arte-educação. E da introdução do produtor cultural para atuar também como ponte unindo escola e museu e fazendo com que o público se integre e circule por estes ambientes. Afinal, assim como a arte-educação deve unir arte e público à função do produtor cultural também é mediar público e as artes através de projetos e ações que promovam a interação, a participação e a circulação da cultura artística em nossa sociedade.

Em relação aos aspectos particulares: a arte na escola ou a arte-educação no museu. E nos aspectos gerais: a arte-educação no Brasil atualmente. O que podemos ainda fazer?

Os aspectos particulares que podemos perceber nesta escola foi uma atualização do ensino estando este mais aliado a contemporaneidade, em que se baseia na pesquisa e na construção do conhecimento aliando as potencialidades da arte como ferramenta de conhecimento. Pensando na escola em aspectos gerais precisamos ainda desenvolver projetos e mudança do ensino das artes que modifique a visão das artes em todos os ambientes de ensino, seja no nível da educação infantil, do ensino fundamental, ensino médio e universitário. Partindo do que observamos desta escola que já caminha em direção a esta mudança, demonstramos que é possível utilizar a arte como conhecimento.

Em relação ao museu obtivemos um avanço na idealização dos projetos arte-educativos que estão sendo realizados atualmente na instituição. Mas muito ainda teremos de avançar, temos que de fato criar uma relação dialógica entre museu e público, museu e pesquisadores para que outros projetos possam ser agregados a instituição e verificar se os que atualmente ocorrem são de fato, eficientes. No sentido em que consigam agregar um público circulante, que crie um vínculo com a instituição.

A partir desse vínculo criado e estabelecido entre a arte, as instituições e o público poderemos finalmente dizer artecaminhando na contemporaneidade, modificando e transformando nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Os pensadores – São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARNHEIM, Rudolf. Intuição e intelecto na arte. 2^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004 – Coleção a

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil; Realidade hoje e expectativas futuras. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura. Disponível em:<solarpresencial.virtual.ufc.br/arquivos/curso/841/arte_educacao_cultura_ana_mae_barbosa.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Mudanças na arte/educação. 2010. Disponível em: <texasituras.files.wordpress.com/2010/04/anamae.pdf> Acesso em: 20 mai. 2010.

BARBOSA, Ana Mae; Helena Ferraz. Opinião: o pensamento de Ana Mae Barbosa. Noésis, v.79, p.22-23, 2009.

CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DA MATTA, Roberto. Relativizando; uma introdução à antropologia social. 6^a ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURAND, José Carlos Garcia. Sociologia da arte; arte, privilégio e distinção. São Paulo: Perspectiva, 1989.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2008 – Coleção debates, vol. 4

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª Ed. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. – coleção o mundo, hoje, v.21

GREENBERG, Clement. *Arte e cultura – ensaios críticos*. São Paulo: editora ática, 1996.

GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea do cubismo à arte neoconcreta*. 2ª ed. São Paulo: Editora Revan, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYGHE, Rene. *Sentidos e destino da arte vol. I*. Rio de Janeiro: Martins Fontes editora ltda., [?]

HUYGHE, Rene. *Sentidos e destino da arte vol. II*. Rio de Janeiro: Martins Fontes editora ltda., [?]

MAC- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. *Histórico Divisão de Arte Educação. Programas Regulares. Publicações. Material de Apoio Pedagógico*. Disponível em: <<http://www.macniteroi.com.br/>>

MELTZER e WILLIAMS, Donald e Meg Harris. *A apreensão do belo*. São Paulo: Imago, 1994.

MOURA, Selma. *Arte-Educação para quê? (razões para ensinar arte)*. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/imprime_overblog/arte-educacao-para-que-razoes-para-ensinar-arte> Acesso em: 10 fev. 2010.

MORITA, Nancy de Fátima Silva. *Os primeiros desenhos; construção gráfico-plástica*. Artigo da revista *Criança do Professor de Educação Infantil*, p.12, janeiro de 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rev_crian_38.pdf> Acesso em: 20 mai. 2010.

MURREL, Hywel. Homens e máquinas. Zahar Editores, Curso básico de psicologia, 1978 – unidade e: psicologia e trabalho.

NOVELLY, Maria C. Jogos teatrais para grupos e sala de aula. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994 – Coleção Ágere.

OLIVEIRA, Beneval de. Arte e dialética. Rio de Janeiro: Pallas Editora e distribuição Ltda, 1983.

ORTIZ, Renato. Cultura nacional e identidade nacional. 1ªed. – Brasília: Editora Brasiliense, 1986.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva, 1955.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Artigo: propostas para a arte na educação infantil. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/>> Publicado em: 03 dez. 2012. Acesso em: 02 jan. 2013.

SCHRAML, Walter J. Introdução à psicologia profunda para educadores. São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1922.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1978. - Novas buscas em educação; v.2.

STEIN, Suzana Albornoz. Por uma educação libertadora. 6ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1984.

SUBIRATS, Eduardo. Da vanguarda ao pós-moderno. 4ª ed. – São Paulo: Nobel, 1986.

VELHO, Gilberto. Arte e sociedade – ensaios de sociologia da arte. Zahar editores, 1977.

WITTWER, Jacques. Para uma revolução pedagógica. Lisboa, Portugal: Editorial Pórtico de Lisboa, [?].